

A Necrópole Medieval de Vila dos Sinos — Mogadouro Segunda Campanha de Escavações — 1982*

Francisco Sande Lemos
Domingos Marcos

Resumo

Apresentam-se os resultados da segunda campanha de escavações na necrópole medieval de Vila dos Sinos, Mogadouro, efectuada no Verão de 1982. Foi escavada a zona compreendida entre as sondagens do ano anterior e a cabeceira da Igreja, tendo sido registadas 31 sepulturas, das quais foram abertas somente 10. Os novos dados não alteram substancialmente as conclusões obtidas em 1981.

Resumé

Les auteurs présentent les résultats de la deuxième campagne de fouilles (1982), réalisé dans la nécropole médiévale de Vila dos Sinos, Mogadouro. Parmi les 31 sépultures identifiés, seulement 10 ont pu être fouillés, dans l'aire compris entre la fouille de l'année précédent et le chevet de l'église. Les nouveaux donnés confirment les conclusions des fouilles de 1981.

Summary

In 1982 a new excavation was undertaken at the medieval necropolis of Vila dos Sinos, Mogadouro. Between the last year digs (1981) and the church's head, 31 graves has been located, but only 10 were excavated. The new data agree with the conclusions of the first excavation.

* Desenho de espólio: *Fernando Barbosa* (M.R.D.D.S.)
Desenho de plantas: *José Manuel Leite* (S.R.A.Z.N.) e *Filipe Antunes* (M.R.D.D.S.)
Fotografia: *Francisco Sande Lemos* e *Perpétua Ferreira* (M.R.D.D.S.)

1. Introdução

Em artigo anterior (LE MOS & MARCOS, 1984, pp. 71-89), demos notícia dos resultados das primeiras escavações efectuadas na necrópole medieval de Vila dos Sinos, Mogadouro, em 1981.

Neste segundo texto apresentamos os novos dados obtidos na campanha realizada no Verão de 1982, no mesmo local¹.

Considerando que a localização cartográfica e administrativa de Vila dos Sinos já foi indicada², assim como os contextos geográfico e arqueológico, não nos vamos repetir. Remetemos o leitor para o 1.º volume da II Série dos Cadernos de Arqueologia.

Recordamos, no entanto, que a necrópole em estudo se situa no município de Mogadouro, em pleno planalto mirandês, próximo do rio Douro (Est. 1).

Lembramos também que a escavação deste sítio teve origem numa conjuntura de emergência resolvida, aliás pela própria intervenção arqueológica que assumiu as características habituais de um processo de salvamento³.

Actualmente a necrópole, que esteve em risco de desaparecer, conserva-se sob uma camada de terra e areia⁴.

O reduzido espólio resultante das escavações está em Bragança, depositado no Museu Abade de Baçal⁵ e em Mogadouro⁶.

1 A Campanha decorreu entre os dias 29 de Julho e 30 de Agosto, com a colaboração do Snr. José Manuel Freitas Leite, do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Norte, e com o apoio da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho e da Câmara Municipal de Mogadouro. Participaram nos trabalhos jovens da região, no âmbito do Programa OTL. A escavação foi integralmente subsidiada pelo Instituto Português do Património Cultural.

2 Vila dos Sinos é um lugar da freguesia de Vilarinho de Galegos, concelho de Mogadouro.

3 A ideia inicial dos habitantes de Vila dos Sinos era efectuar o arranjo do adro da igreja, o que implicaria desaterros lesivos das sepulturas, que seriam destruídas, na maior parte.

4 Após a conclusão dos trabalhos as valas abertas, foram entulhadas, preservando-se assim as sepulturas.

5 No Museu Abade de Baçal (Bragança) encontra-se o espólio que foi tratado e inventariado pelo Museu D. Diogo de Sousa, de Braga: materiais cerâmicos, metálicos e osteológicos.

6 Em Mogadouro, estão à guarda de Domingos Marcos as lápides (e fragmentos de), que foram recolhidos durante as escavações de 1981 e 1982.

2. Estratégia e Metodologia

A segunda campanha de trabalhos teve como objectivo o estudo do espaço compreendido entre as sondagens do ano anterior e a cabeceira da igreja. De facto, admitia-se a possibilidade de nessa área se conservarem estruturas da necrópole romana, de que tínhamos recolhido alguns vestígios, revolidos ou reutilizados (cerâmica e lápides anepígrafes), uma vez que o pendor do terreno se elevava na direcção do edifício religioso, configurando-se uma maior profundidade do solo.

Assim, a quadrícula estabelecida em 1981 foi prolongada para Oeste, tendo sido marcada uma nova série de quadrados de 4 x 4 metros, separados por banquetas de 1 metro. Estes quadrados foram designados por: A2, A3 e A4; B2, B3 e B4 (Est. II)⁷.

Em A3 e A4 foi deixada por escavar uma faixa de 0,30 metros, no limite oeste, a fim de não serem afectados os alicerces da igreja. Foi, pois, aberta uma área total de 94, 60 m².

Tal como no ano anterior, as sepulturas, nas novas zonas, encontravam-se a escassa profundidade, consistindo a primeira fase dos trabalhos na sua delimitação, desenho à escala 1:10 e registo fotográfico.

De seguida, foram removidas as tampas das sepulturas, procedendo-se depois à decapagem do sedimento contido no seu interior.

Numa terceira fase, os sepulcros escavados foram novamente desenhados à escala 1:10 e fotografados.

Finalmente procedeu-se ao desenho das secções longitudinal e lateral de cada sepultura escavada, repondo-se de seguida na posição original as tampas que tinham sido levantadas.

3. Resultados da escavação

No conjunto, foram postas a descoberto 31 sepulturas, das quais apenas 10 foram objecto de escavação (Est. III). Considerando as limitações de tempo a que estávamos sujeitos, optámos pelo estudo dos túmulos que ofereciam garantias de não terem sido violados, salvo um, intervencionado porque apresentavam uma orientação distinta, o que nos levou a imaginar tratar-se de uma sepultura da época romana (sep. 11), suspeita que não foi nem confirmada, nem desmentida.

⁷ Ao leitor mais minucioso não terá escapado um erro na planta topográfica inserta no artigo precedente sobre a necrópole de Vila dos Sinos (Est. II) (Cadernos de Arqueologia, Série II, 1). De facto, as coordenadas aí indicadas estão erradas, pelo que a área escavada não ficou correctamente assinalada. O erro é corrigido na planta que agora se publica, em que se diferenciam com clareza as áreas de cada uma das duas intervenções, 1981 e 1982, a fim de evitar leituras erradas.

Das dez sepulturas escavadas apenas uma (sep. 13) proporcionou um esqueleto quase inteiro, disposto em posição horizontal (decúbito-supino) (Est. VIII-2). Numa outra (sep. 5) encontraram-se três crânios, dois colocados à cabeceira, e um terceiro, sensivelmente aos pés (Est. V-2).

Por sua vez, na sepultura 12 foi recolhido um anel em ferro (Est. X), único elemento de espólio que pode ser considerado em relação directa com o enterramento.

Tal como se constatou nos sepulcros escavados em 1981, o sedimento interior, continha, na generalidade, pequenos fragmentos de cerâmica, telha ou tijolo.

No conjunto, estas dez sepulturas, apesar da ocorrência maioritária do mesmo tipo de cobertura (cinco em dez), caracterizada por lajes de tamanho médio dispostas transversalmente, apresentam três modelos distintos:

- as sepulturas 5, 12, 13 e 17 são definidas por caixas formadas por lajes assentes sobre a rocha;
- as sepulturas 14, 16, 18, 20, 23 e 29 são cavidades de contorno variável, abertas no substrato xistoso, sem qualquer outra preparação;
- a sepultura 11 possui um modelo específico, talvez quadrangular.

Nada indica porém que esta diferenciação de tipos, tenha um significado cronológico. De facto, não se verificam sobreposições entre umas e outras. O único caso de sobreposição (sep. 18 sobre sep. 29) ocorre com túmulos do mesmo tipo.

Quanto à orientação mantem-se dominante o sentido aproximadamente Este-Oeste, com as cabeceiras a Poente⁸. Apenas as sepulturas 11 e 12 não respeitam esta regra. Contudo, nada nos sugere que esta variação possa ser interpretada como tendo um sentido cronológico.

A terminar, destacamos o caso da sepultura 24, que mergulha sob os alicerces da cabeceira da igreja, sendo-lhe portanto anterior (Est. VI - 1). Verifica-se, aliás, no quadrado A4 uma ocorrência de pedras distribuídas anarquicamente, que poderá corresponder a restos de sepulturas perturbadas pela construção da igreja (Est. III).

Destaque ainda para os casos das sepulturas 12 e 17, que mostram determinadas características únicas, nesta necrópole. A primeira, porque tinha uma cobertura dupla, a inferior de lajes dispostas transversalmente, e a superior de lajes colocadas em sentido oposto (Est. III; Est. VIII - 1). A segunda, porque é o único túmulo de Vila dos Sinos, com o fundo forrado a lajes, assentes sobre a rocha (Est. IX - 2).

Uma palavra final para a ocorrência de inúmeros pequenos vestígios osteológicos, revolvidos e dispersos por toda a área escavada, fora das sepulturas. Em alguns pontos formavam

⁸ Outro aspecto que não deve ter escapado a quem leu atentamente o artigo sobre a campanha de 1981, foi a discrepância entre a orientação exacta dos túmulos, consagrada na planta, e a indicada no inventário. De facto, genericamente, as sepulturas encontram-se orientadas com as cabeceiras a poente, mas em termos rigorosos o seu eixo geográfico é Nordeste-Sudoeste, e não Leste-Oeste. Neste segundo texto decidimos registar a orientação exacta.

mesmo concentrações, em que sobressaíam fragmentos de calotes cranianas. Fica assim atestada uma reutilização intensiva das sepulturas, em sucessivos enterramentos.

4. Inventário das Sepulturas

Convenção:

- 1 — Localização na quadrícula;
- 2 — Orientação;
- 3 — Cobertura ou tampa;
- 4 — Características da sepultura;
- 5 — Espólio

Sepultura 1

- 1 — Quadrado A2.
- 2 — NE — SW.
- 3 — Sem cobertura visível
- 4 — Observam-se duas pequenas lajes, fincadas no solo, paralelas, que esboçam a sepultura.
- 5 — Não escavada.

Sepultura 2

- 1 — Quadrado A2.
- 2 — NE — SW.
- 3 — Sem cobertura visível
- 4 — Observam-se duas lajes, fincadas no solo, paralelas, que esboçam a sepultura.
- 5 — Não escavada.

Sepultura 3

- 1 — Quadrado A2.
- 2 — NE — SW.
- 3 — Constituída por, pelo menos, quatro lajes de tamanho médio, dispostas transversalmente, e duas pequenas pedras a forrar intervalos entre as maiores. A sepultura prolonga-se sob a banquetta entre A2 e B2, pelo que não é possível acrescentar mais detalhes.
- 4 — Não escavada.

Sepultura 4

- 1 — Quadrado A2.
- 2 — ?

- 3 — Formada por, pelo menos, três lajes de tamanho médio, e uma pedra pequena. O resto da cobertura deste túmulo desaparece sob a banqueta entre A2 e B2, pelo que se ignora a sua extensão.
- 4 — Não escavada.
- 5 — Idem.

Sepultura 5

- 1 — Quadrado A3.
- 2 — NE — SW.
- 3 — Formada por cinco lajes de tamanho médio, em xisto, e duas pedras, mais pequenas, do mesmo material, a forrar intervalos, atingindo, no conjunto, 2 metros de comprimento e 0,70 m de largura.
- 4 — A caixa sepulcral é sub-rectangular e constituída por lajes assentes no substracto rochoso, 4 a Norte, 3 a Sul, uma única aos pés e outra à cabeceira. Esta última sobreposta por uma pedra aparelhada em cunhal. As dimensões são as seguintes: 1,80 m de comprimento; 0,34 m de largura aos pés; 0,44 m de largura na cabeceira; 0,32 m de profundidade média; 0,39 m à cabeceira e 0,28 m aos pés. Fundo rochoso.
- 5 — No seu interior encontravam-se três crâneos, dois lado a lado, na cabeceira, e um isolado, aos pés. Além destes restos osteológicos foram recolhidos: 1 fragmento do bordo de um vaso; 1 prego de ferro, vestígios de carvão.

Sepultura 6

- 1 — Quadrado A4.
- 2 — NE — SW.
- 3 — Constituída por, pelo menos, 3 lajes de tamanho médio, dispostas transversalmente, e mais três pequenas. Uma vez que a sepultura se estende para Ocidente, sob a banqueta entre A4 e B4, nada mais se pode acrescentar.
- 4 — Não escavada.

Sepultura 7

- 1 — Quadrado A4.
- 2 — NE — SW.
- 3 — Não se observaram vestígios.
- 4 — O espaço sepulcral é definido, embora de uma forma incompleta, por sete lajes, 3 a Sul, uma a Norte, 1 à cabeceira, e outra aos pés. Comprimento estimado: 0,90 m; largura também estimada: 0,30 m.
- 5 — Não escavada.

Sepultura 8

- 1 — Quadrado B2.
- 2 — NE — SW.
- 3 — Aparentemente incompleta, vendo-se duas lajes, uma maior, disposta longitudinalmente, e outra menor, transversal. Comprimento estimado: 1,00 m; largura observável: 0,40 m.
- 4 — O espaço do sepulcro é esboçado por seis lajes, visíveis, situadas 3 a Norte, 1 a Sul, e duas aos pés. Comprimento e largura estimados: 1,00 m e 0,40 m, respectivamente.
- 5 — Não escavada.

Sepultura 9

- 1 — Quadrado B2.
- 2 — NE — SW.
- 3 — Constituída por 4 lages de xisto, de tamanho variável, dispostas transversalmente, comprimento e largura: 0,90 m e 0,40 m, respectivamente.
- 4 — Não escavada.

Sepultura 10

- 1 — Quadrado B2.
- 2 — NE — SW.
- 3 — Composta por 7 lages de tamanho médio, numa extensão de 1,70 m e com uma largura de 0,40 m aos pés e de 0,50 m à cabeceira. Pequenas pedras forram as fendas deixadas entre as lages maiores.
- 4 — Não escavada.

Sepultura 11

- 1 — Quadrado B2.
- 2 — NE — SW.
- 3 — Não se observam vestígios de tampa ou cobertura.
- 4 — Os limites exactos da caixa sepulcral não podem ser dados, já que a sepultura entra na banquetta que separa B2 e B3. A caixa, na zona visível, é fechada por três lages de xisto, assentes na rocha, uma a Leste, outra, paralela, a Oeste, e uma terceira, menor, a Sudeste. O comprimento observável é de 0,90 m e a largura de 0,80 m.
Fundo rochoso. De notar, ainda, uma lage de xisto, disposta longitudinalmente, a 0,20 m da lage leste, formando-se assim como que uma subdivisão no interior do sepulcro.
- 5 — Apesar do seu interesse, esta sepultura estava violada, encontrando-se o seu interior repleto de pequenas pedras. Recolheram-se, no entanto, dois fragmentos cerâmicos (bojos) e um ferro indeterminável.

Sepultura 12

- 1 — Quadrado B3.
- 2 — Norte — Sul.
- 3 — Duas coberturas sobrepostas. A inferior é constituída por quatro lages, de tamanho médio, dispostas transversalmente. A superior é formada também por quatro lages, de xisto e granito, mas colocadas longitudinalmente. Comprimento: 0,90 m; largura 0,40 m e 0,30 m aos pés.
- 4 — Caixa sepulcral definida por cinco lages, assentes na rocha, 3 de um lado, 2 de outro, quase que fechando na cabeceira e aos pés.
Comprimento 0,90 m; largura 0,20 m; profundidade máxima 0,24 m. Fundo rochoso.
- 5 — No seu interior encontrou-se um anel de ferro, e 1 fragmento de telha.

Sepultura 13

- 1 — Quadrado B3.
- 2 — NE — SW.

- 3 — Constituída por seis lages, de tamanho médio, de xisto, dispostas transversalmente, e 10 pedras de pequenas dimensões, colocadas de modo a fechar as aberturas existentes entre os elementos maiores.
Comprimento: 1,80 m; largura: 0,70 m.
- 4 — Caixa sepulcral de forma rectangular, formada por 4 lages em cada um dos dois lados, 1 aos pés e outra à cabeceira, deslocada do sítio original. Fundo rochoso, escavado no substrato de xisto.
Comprimento: 1,90 m; largura: 0,40 m; profundidade na cabeceira e aos pés: 0,44 m e 0,40 m, respectivamente.
- 5 — Nesta sepultura foi encontrado um esqueleto incompleto, em muito mau estado de conservação, sem qualquer outro espólio. O cadáver parece ter sido depositado em posição de decúbito-supino, com os braços cruzados sobre o ventre.

Sepultura 14

- 1 — Quadrado B3.
- 2 — NE — SW.
- 3 — Não se encontraram vestígios.
- 4 — Do sepulcro apenas se observa a superfície escavada na rocha, de forma vagamente sub-rectangular.
Comprimento: 1,40 m; largura 0,40 m aos pés; 0,50 m à cabeceira.
- 5 — Sem espólio.

Sepultura 15

- 1 — Quadrado B4.
- 2 — Aparentemente NE — SW.
- 3 — Não há vestígios.
- 4 — Esboçada por duas lages que definem a cabeceira, não se observando outros elementos, e ignorando-se assim o comprimento e a largura.
- 5 — Não escavada.

Sepultura 16

- 1 — Quadrado B4.
- 2 — NE — SW.
- 3 — Constituída por seis lages, de tamanho médio, dispostas transversalmente, observando-se 4 pequenas pedras a forrar aberturas entre os elementos maiores. Comprimento: 1,50 m; largura: 0,40 m aos pés; 0,70 m à cabeceira.
- 4 — A caixa sepulcral é uma cavidade trapezoidal, com os cantos arredondados, escavada no substrato xistoso. Comprimento: 1,38 m; largura: 0,20 m aos pés e 0,40 m à cabeceira. Profundidade (média, pés e cabeceira): 0,18 m; 0,16 m e 0,08 m.
- 5 — Calote craniana e outros fragmentos ósseos, em mau estado de conservação.

Sepultura 17

- 1 — Quadrado B4.
- 2 — NE — SW.
- 3 — Não se detectaram vestígios de tampa ou cobertura.

- 4 — A caixa é formada por 7 lages assentes na rocha, 3 de cada lado, e 1 aos pés, faltando o elemento que deveria fechar a cabeceira. Forma trapezoidal. Comprimento: 1,20 m; largura 0,10 m aos pés e 0,30 m à cabeceira. Profundidade (média, pés e cabeceira): 0,20 m, 0,14 m e 0,06 m. O fundo é forrado por sete pedras, sendo duas pequenas e as restantes de dimensão média. Duas pequenas pedras à cabeceira poderiam ser uma prisão de crâneo.
- 5 — Um dente e fragmentos de carvão.

Sepultura 18

- 1 — Quadrado B4.
- 2 — NE — SW.
- 3 — Cobertura constituída por, pelo menos, sete lages de tamanho variável, dispostas sem nexo aparente.
- 4 — Cavidade escavada no substrato rochoso, de contornos irregulares, de forma vagamente rectangular. Comprimento: 1,30 m; largura: 0,44 m. Profundidade (média, pés e cabeceira): 0,30 m; 0,30 m e 0,14 m. Fundo rochoso.
- 5 — Fragmentos de tibia e perónio, muito deteriorados.

Sepultura 19

- 1 — Quadrado B4.
- 2 — NE — SW.
- 3 — Cobertura parcialmente visível: observam-se apenas três lages dispostas transversalmente. O resto da sepultura esconde-se sob a banquetta que separa os quadrados B3 e B4.
- 4 — Parece ter uma caixa definida por lages fincadas, das quais somente se notam 5, quatro do lado norte e uma da cabeceira. Não é possível, portanto, indicar as suas dimensões.
- 5 — Não escavada.

Sepultura 20

- 1 — Quadrado B3.
- 2 — NE — SW.
- 3 — Da cobertura apenas restavam 4 pequenas lages, dispostas de uma forma irregular, no canto nordeste da sepultura.
- 4 — Cavidade aberta no substrato de xisto, de forma vagamente rectangular. Comprimento: 1,84 m; largura: 0,40 m; profundidade (média, pés e cabeceira): 0,20 m; 0,12 m e 0,30 m.
- 5 — Fragmentos de ossos.

Sepultura 21

- 1 — Quadrado B3.
- 2 — NE — SW.
- 3 — Incompleta, observando-se quatro lages de tamanho médio, dispostas transversalmente e 3 pequenas pedras, duas delas aparentemente deslocadas. Parece faltar uma lage de cobertura aos pés da sepultura.
Comprimento estimado: 1,20 m; largura: 0,50 m.
- 4 — Não tendo sido escavada, não é possível indicar os elementos referentes à caixa sepulcral, que será formada por lages de granito.

Sepultura 22

- 1 — Quadrado B4.
- 2 — NE — SW.
- 3 — Não se encontraram vestígios.
- 4 — O sepulcro não está totalmente definido, faltando os elementos da cabeceira, pelo que não é possível registar o comprimento. Na parte leste da sepultura observam-se 5 lages, uma a Norte, uma aos pés e três a Sul.
Largura estimada: 0,24 m.
- 5 — Não escavada.

Sepultura 23

- 1 — Quadrado A2.
- 2 — NE — SW.
- 3 — Não se detectaram vestígios.
- 4 — Cavidade escavada no substrato xistoso, de forma vagamente rectangular, parcialmente encoberta pelo solo, no limite sul da vala. Comprimento: 1,60 m; largura (visível): 0,40 m.
- 5 — Não se encontrou espólio.

Sepultura 24

- 1 — Quadrado A4.
- 2 — NE — SW.
- 3 — Constituída na parte visível por 7 lages, de tamanho médio e pequeno, dispostas transversalmente. A cobertura parece prolongar-se sob o alicerce da igreja, na direcção oeste. Comprimento (da parte visível): 0,80 m; largura: 0,46 m.
- 4 — Não escavada.

Sepultura 25

- 1 — Quadrado A4.
- 2 — NE — SW.
- 3 — Apesar de a sepultura desaparecer no limite norte da vala, nota-se que a cobertura é formada por seis lages, de tamanho médio, colocadas transversalmente. Comprimento estimado: 1,20 m; largura observável: 0,30 m.
- 4 — Não escavada.

Sepultura 26

- 1 — Quadrado A3.
- 2 — NE — SW.
- 3 — Constituída por duas lages, de tamanho médio, e 3 pequenas pedras, colocadas transversalmente. Comprimento: 0,80 m; largura: 0,40 m.
- 4 — Não escavada.

Sepultura 27

- 1 — Quadrado B3.
- 2 — NE — SW.
- 3 — Da cobertura restava apenas uma única pedra, colocada transversalmente.
- 4 — Cavidade escavada no substrato rochoso, de forma vagamente rectangular, com os cantos arredondados. Comprimento: 1,00 m; largura: 0,34 m.
- 5 — Sem espólio.

Sepultura 28

- 1 — Quadrado A4.
- 2 — NE — SW.
- 3 — Não se detectaram vestígios.
- 4 — Esboçada apenas por um alinhamento de três pedras fíncadas, pelo que não é possível indicar dimensões, uma vez que não foi escavada.

Sepultura 29

- 1 — Quadrado B4.
- 2 — NE — SW.
- 3 — Não se observaram indícios.
- 4 — Tendo sido cortada pela sepultura 18, não nos é possível indicar as características desta sepultura, que seria talvez escavada, na rocha, sem caixa formada por lages.
- 5 — Sem espólio.

Sepultura 30

- 1 — Quadrado B2.
- 2 — NW — SE(?).
- 3 — Apenas parcialmente visível: 1 lage média e duas pequenas, dispostas transversalmente; a fechar os pés do túmulo uma outra lage pequena e duas pedras, de menor dimensão. O comprimento observável é de 0,60 m; de largura tem 0,70 m. A parte da cabeceira desaparece sob o solo da banquetta que separa B2 de A2.
- 4 — Não escavada.

Sepultura 31

- 1 — Quadrado B2.
- 2 — ?
- 3 — Da sepultura apenas se vê uma pequena parte, correspondente aos pés, podendo deduzir-se que a cobertura será de lages.
Nada mais se pode acrescentar, porque o resto do túmulo desaparece sob a banquetta que separa B2 de A2.
- 4 — Não escavada.

5. Espólio

Os materiais arqueológicos recolhidos durante a campanha de escavações de 1982 são, tal como os do ano anterior, provenientes, quer das terras que envolviam as sepulturas, quer dos sedimentos depositados no seu interior.

É quase todo ele espólio revolvido, cuja relação temporal com os túmulos não se consegue determinar. Uma única excepção, já citada: o anel de ferro, detectado na sepultura 12.

De facto, as sepulturas foram reutilizadas em sucessivos enterramentos, pelo que todo o solo envolvente sofreu, talvez ao longo de séculos, extensas perturbações.

Não atribuímos, pois, qualquer significado cronológico ao conjunto do material cerâmico, do qual apresentamos, no entanto, uma descrição sumária⁹.

Na generalidade são fragmentos de cerâmica de fabricos comuns, de cronologia desconhecida (Est. X).

Os fragmentos B2 0006 e B3 0007 distinguem-se claramente, pelas paredes menos espessas e pastas avermelhadas muito cozidas, com o desengordurante constituído essencialmente por algumas grandes partículas de quartzo e matéria orgânica carbonizada. O cerne é regularmente negro, aparecendo o vermelho da argila apenas na periferia.

Os restantes fragmentos têm de comum as pastas, geralmente grosseiras, com desengordurante constituído por muita mica branca, por vezes, extraordinariamente abundante (A4 0004, A4 0006, A3 0002 e A3 0007, B4 0006 e B4 0008). É igualmente constante a presença de partículas de quartzo, sempre angulosas e, por vezes, de grandes dimensões, que quando expulsas deixam grandes vacúolos na pastas (A4 0004 e A4 0006).

A cor das pastas varia entre o vermelho acastanhado, o creme e o cinzento, sendo pouco homogénea no caso das cerâmicas cozidas a menor temperatura, como se observa nos fragmentos de um potinho (A4 0003) e de um prato de fundo plano (A3 0001).

As superfícies são sempre alisadas, sem qualquer outro acabamento. Nos casos em que este acabamento é menos cuidado, as partículas da mica, por vezes de grande dimensão, tornam-se visíveis à superfície (A4 0005, B2 0004 e B4 0004).

Não têm relação alguma com o grupo que acabámos de descrever três fragmentos em cerâmica vermelha (B3 0005, B3 0006 e A4 0001), provavelmente do século XVI ou XVII, e um outro (B2 0007), de cerâmica vidrada moderna.

Verifica-se, pois, a ocorrência de cerâmicas de diversas épocas, misturadas.

Registe-se também a presença abundante de cerâmica comum muito fragmentada, quer de fabrico romano, quer de aspecto mais recente. Os pedaços de telha romana são mais um indício da existência de uma necrópole romana, que terá precedido o cemitério medieval. A telha de aspecto mais moderno deverá estar relacionada com obras na igreja, de época indeterminada.

⁹ Agradecemos, mais uma vez, à Dra. Manuela Delgado que quiz ter a amabilidade de examinar o pouco espólio resultante da segunda campanha, como aliás já fizera com os materiais da primeira.

No que concerne ao espólio metálico, é muito escasso:

- 1 anel de ferro (sep. 14)
- 1 prego (sep. 5)

Quanto aos restos osteológicos provenientes das sepulturas, ou recolhidos nas terras que as envolviam, estavam bastante fragmentados e o seu estado de conservação era muito precário.

Oferecem, pois, fracas condições para estudos antropológicos.

A terminar este capítulo, dedicado ao espólio, é de referir que foi recolhida mais uma lápide funerária romana, de mármore, anepígrafe, no quadrado B3.

Foram recuperadas ao todo, em Vila dos Sinos, 4 estelas, reaproveitadas, anepígrafes, três de calcário e uma de granito. Pela forma e pelos motivos decorativos que ainda se vislumbram, podem ser incluídas no grupo de estilo Picote.

6. Considerações Finais (Campanhas de 1981 e 1982)

6.1 — Como se sabe, o estudo das necrópoles medievais é particularmente ingrato devido:

- às condições de jazida, habitualmente pouco favoráveis;
- à sobreposição de enterramentos, com os consequentes revolvimentos;
- à ausência de espólio votivo;
- à pobreza das comunidades, que se reflecte na escassez do espólio pessoal.

Por tudo isto, a análise dos resultados das escavações em cemitérios da Idade Média exige uma pesquisa aturada de paralelos.

Infelizmente, a bibliografia portuguesa sobre o assunto é muito limitada, resumindo-se a pouco mais de uma dúzia de títulos, com real interesse. Este panorama irá certamente modificar-se quando forem publicados os trabalhos feitos neste últimos cinco anos, por todo o país.

De facto, a julgar pelas breves notícias impressas na *Informação Arqueológica*, parecem ser de grande importância os resultados das escavações realizadas nas necrópoles medievais do Rossio do Carmo — Mértola (TORRES *et alli* 1984; TORRES 1985 a), da Alcáçova de Mértola (TORRES 1985 b), da Igreja de S. Jorge — Ficalho (SOARES 1985 a), do Assento de Chico Roupa — Ficalho (SOARES 1985 b), do Castelo de Castelo Branco (RIBEIRO 1985), de Santa Maria do Arrabalde — Sintra (MOREIRA 1985 a), e de Santa Maria do Olival — Tomar (MOREIRA 1985 b).

Também significativos serão os dados das intervenções de emergência realizadas nos sítios da Pedreira — Abrantes e de Cepins — Cantanhede, citados em relatórios dos Serviços de

Arqueologia do I.P.P.C.¹⁰ e de Santa Marinha da Costa — Guimarães¹¹.

Entretanto, para além de alguns títulos referentes ao noroeste de Portugal, foi essencialmente à bibliografia castelhana que recorreremos, na elaboração destas considerações finais, que abordam três itens: rituais funerários, tipologia e cronologia¹².

6.2 — Rituais funerários

Conforme se pode inferir, pela descrição das duas campanhas efectuadas em Vila dos Sinos, são deveras escassos os dados relacionados com os rituais funerários.

Podemos supôr que os corpos eram inumados nas sepulturas, envoltos em sudários, sendo previamente despojados dos seus adornos pessoais, de acordo com uma prática deduzida a partir do estudo de diversas necrópoles (CASTILLO 1970, 6; ZAMORA 1979, 599; SILVA *et alli* 1980, 58; FERNANDEZ 1981, 111).

Admitimos também que os defuntos, tal como se verifica em muitas das necrópoles medievais escavadas na Península Ibérica (PALOL 1964; RIU 1917, 454; ZAMORA 1979, 599; FERNANDEZ 1981, 111), eram depositados nos túmulos em posição horizontal (decúbito-supino), com os braços dispostos ao longo do tronco, cruzando-se as mãos sobre o peito ou sobre o abdómen.

Efectivamente era esta última a disposição do esqueleto inumado na sepultura 13/82, único caso em que os restos osteológicos se conservaram quase completos, apesar de muito alterados.

Quanto ao uso de caixões, os indicadores são muito escassos. Apenas nas sepulturas 4/81 (carvão), 5/82 (prego, carvão), 11/82 (ferro indeterminado) e 17/82 (carvão), se recolheram ténues vestígios que apontam nesse sentido.

Embora o uso de ataúdes esteja documentado em vários cemitérios medievos (IZQUIERDO 1975, 1242; GARCIA *et alli* 1983, 289; LEMOS 1986), não ocorre ou é pouco frequente em outros (CASTILLO 1970, 6; ZAMORA 1979 b, 599; SILVA e CENTENO 1980, 58; FERNANDEZ 1981, 111).

Os mortos eram colocados directamente nos túmulos, ou mesmo enterrados no solo, sem mais, com em Valeria — Cuenca (FERNANDEZ 1981).

¹⁰ Ver o Relatório de Actividades do Departamento de Arqueologia, divulgado na revista *Informação Arqueológica*, nº 5, e ver o Relatório de Actividades do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro, relativo a 1984, dactilografado.

¹¹ Os dados inéditos resultantes das escavações feitas pelo Dr. Manuel Real e pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, no claustro do Convento de Santa Marinha da Costa, são de grande interesse para o conhecimento da evolução tipológica das sepulturas entre o período visigótico e a época românica.

¹² Nas páginas seguintes as sepulturas serão referenciadas com o respectivo número, seguido de uma barra, ano de escavação. Por exemplo, 5/82 corresponderá à sepultura 5 da área escavada em 1982.

No caso de Vila dos Sinos não detectámos nenhuma inumação directa na terra. Os ossos, muito deteriorados, que se acharam dispersos nos sedimentos que envolviam as sepulturas (campanha de 1982), parece terem sido espalhados ao acaso, como consequência do esvaziamento das mesmas, a fim de receberem novos cadáveres.

De facto, a reutilização dos túmulos é muito frequente neste género de cemitérios, verificando-se duas situações distintas: a remoção das ossadas do enterramento anterior; a sobreposição de corpos no mesmo túmulo (FERNANDEZ 1981, 66).

Poderá ter sido este último caso o sucedido na sepultura 5/82, em que se acharam juntas, na cabeceira, duas calotes cranianas (Ést. V-2).

Também parece registar-se, em Vila dos Sinos, um cuidado particular com o destino dos crânios, já evidenciado em outros sítios (ZAMORA 1979, 598; FERNANDEZ 1981, 109). Assim, na sepultura 5/82 estava uma calote craniana colocada a meio da caixa sepulcral, e no exterior da sepultura 5/82 estavam fragmentos de uma outra.

Ainda no âmbito das reutilizações é de referir que alguns túmulos, em princípio destinados a crianças, a acreditar no tamanho, foram posteriormente usados como ossuários (sepulturas 3/81, 4/81, 7/81).

A terminar estes breves parágrafos dedicados aos rituais, salientamos que não se encontraram oferendas funerárias, o que está de acordo com a norma observada nas necrópoles da época. Não se recolheram mesmo, peças de vestuário ou objectos de adorno, salvo na sepultura 12/82, conforme já afirmámos por duas vezes.

Entendemos que esta ausência total, ou quase, de espólio funerário, para além de ser típica dos enterramentos cristãos, subordinados a um ideal religioso, poderá reflectir também, a pobreza de uma pequena comunidade, isolada num território difícil e áspero.

6.3 — Tipologia

Ao estudo tipológico das sepulturas medievais tem sido atribuída grande importância, nomeadamente como meio de datação.

Considerando o número total de túmulos postos a descoberto, ao todo 69, dos quais, no entanto, apenas foram abertos 24, é lícito esboçar um quadro tipológico da necrópole de Vila dos Sinos.

Principiemos pelo sistema de cobertura, em que se registam três modelos:

- uma única lage, cobrindo toda a caixa ou cavidade sepulcral (COB I);
- uma série de lages de dimensão média e/ou pequena, dispostas transversalmente (COB II);
- um conjunto de lages, também de tamanho médio e/ou pequeno, colocadas sem ordem aparente (COB III).

Os valores das ocorrências de cada um destes modelos, são os seguintes:

— COB I	5	7,3 %
— COB II	28	41,2 %
— COB III	17	25,0 %

Os restantes 26,5 % correspondem a sepulturas sem vestígios de cobertura.

Verifica-se, pois, que COB II é largamente dominante. Quanto às suas variantes, estas resumem-se ao número maior ou menor de lages, conforme a dimensão dos túmulos.

Resta acrescentar que este sistema não tem qualquer significado cronológico, pois que ocorre em necrópoles das mais diversas épocas.

Passemos agora às sepulturas propriamente ditas, em que se distinguem 4 tipos:

- cavidades abertas na rocha, sem qualquer outra preparação (VLS I) (seps. 8/81, 11/81, 14/82, 16/82, 18/82, 20/82, 23/82 e 27/82);
- cavidades abertas na rocha *parcialmente* forradas, com lages médias e/ou pequenas (VLS II) (seps. 2/81, 3/81, 4/81, 5/81, 9/81, 10/81);
- cavidades abertas na rocha *totalmente* forradas com lages médias e/ou pequenas, formando uma caixa aparente (VLS III) (seps. 12/81, 14/81 e 15/81);
- caixas ou cistas constituídas por lages médias ou grandes, assentes na rocha (VLS IV) (seps. 1/81, 16/81, 19/81, 5/82, 12/82, 13/82, 17/82).

O quadro das frequências destes tipos é o seguinte:

VLS I	8	33,3
VLS II	6	25,0
VLS III	3	12,5
VLS IV	7	29,2
Total		24	100%

Conjugando os tipos *supra* definidos com os modelos de cobertura, verifica-se que não há coincidências significativas. O modelo COB I ocorre, tanto em sepulturas VLS I como em VLS IV; COB II surge distribuído por todos os quatro tipos.

Outras características que se encontram indiferenciadamente de VLS I a VLS IV, são a dimensão e a forma.

Aparentemente, o tamanho das sepulturas terá a ver apenas com a idade e as proporções dos cadáveres.

Por outro lado, formas mais ou menos rectangulares e trapezoidais encontram-se, quer em VLS I ou VLS II, quer em VLS IV, pelo que não concedemos um significado especial a um atributo que tem sido, talvez, excessivamente destacado, quando será, de facto, secundário.

Genericamente as estruturas funerárias escavadas em Vila dos Sinos integram-se em dois «horizontes» tipológicos, definidos pela investigação espanhola: o das cavidades abertas na rocha (VLS I), e o das sepulturas de lages (VLS III e IV).

O tipo VLS I tem afinidades com um dos túmulos descobertos em S. Tomé da Serra — Braga (CÉSAR 1983, 171), com o nível mais antigo (Tipo I) de San Juan de los Caballeros — Segovia (ZAMORA 1979 b, 596-597), e com o tipo II a, de San Millan — Segovia (ZAMORA 1979 a, 534).

O segundo grupo de tipos (VLS III e IV) tem paralelo nas necrópoles de Duruelo de la Sierra — Soria (CASTILLO 1972, 3-7), de Palacios de la Sierra — Burgos (CASTILLO 1972, 43-51), de Castellar — Palencia (GUINEA *et alii* 1963, 30-31), no grupo 1 de Las Vegas de Pedraza — Segovia (IZQUIERDO 1975, 1244-1245), e nos tipos III e II, respectivamente de San Millan e San Juan de los Caballeros (ZAMORA 1979 a e b, 597).

O tipo VLS II, de que não assinalámos paralelos, é essencialmente uma forma de transição.

Por sua vez, o tipo VLS III ilustra a fase inicial, embrionária, das sepulturas de lages.

O tipo VLS IV, corresponde a um momento afirmativo deste género de túmulos, em que se concretiza um modelo, em que se define uma arquitectura construtiva, com pormenores específicos como as orelheiras.

Numa terceira fase verifica-se o aperfeiçoamento do aparelho, uma acentuada geometria, o desenvolvimento de pormenores, enfim, uma técnica mais apurada.

Esta fase mais evoluída, foi proposta por IZQUIERDO (1975), com base no grupo 2 de Las Vegas de Pedraza, sendo notória em Valeria (FERNANDEZ 1981).

Nela se integram, provavelmente, as sepulturas escavadas no Monte de S. Romão — Guimarães (SARMENTO 1904, 101-111 e 119-120), em Navio — Ponte de Lima (ALMEIDA *et alii* 1980), em Arinho — Vila Verde (LEMONS 1984), e no exterior da cabeceira da Sé Catedral de Braga (GASPAR 1985).

6.4 — Cronologia

A datação das necrópoles medievais é quase sempre difícil, em particular das que se situam entre os séculos VIII e XIII.

Até ao século VIII manteve-se o costume das oferendas funerárias que, mesmo pobres, fornecem indicações cronológicas mais ou menos seguras.

A partir do século XIV verifica-se um certo abrandamento da austeridade das inumações, recolhendo-se nas sepulturas peças de vestuário, elementos de adorno, moedas, que proporcionam pistas cronológicas (FERNANDEZ 1981; MOREIRA 1985 a).

Numa certa etapa das pesquisas supôs-se ser possível ultrapassar as dificuldades, estabelecendo uma cronologia com base nos tipos de sepulturas.

Os dados resultantes das escavações de Alberto Castillo, apontavam para uma sucessão de modelos, desde as sepulturas escavadas na rocha até aos sarcófagos, passando pelos túmulos de lages.

Trabalhos mais recentes têm trazido alterações ao esquema construído nos anos setenta, revelando que o mundo das necrópoles medievais é bastante complexo.

Nomeadamente, o «horizonte» das sepulturas de lages, fixado por CASTILLO (1972, p. 6),

no século XI, tem-se alargado nos dois sentidos.

Assim, as escavações levadas a cabo em Las Vegas de Pedraza fazem-nas recuar até ao século IX (IZQUIERDO 1975, 246), enquanto que o estudo do sítio de Valeria demonstrou que se prolongam até ao século XV (FERNANDEZ 1981, 110).

Entre estes dois parâmetros, a necrópole de Vila dos Sinos tende a ocupar a faixa mais antiga, quer pela presença de cavidades abertas na rocha, quer pelo *facies* arcaico e pouco evoluído das sepulturas de lages.

Em nosso entender, o tipo VLS I pode ser colocado no séc. IX, e os tipos VLS II a VLS IV, traduzem um processo evolutivo, ao longo dos séc. X e XI, podendo mesmo prolongar-se até ao século XII.

Não detectámos sobreposições significativas ou oferendas funerárias que fundamentem esta hipótese.

Porém, o mapa da distribuição dos tipos de sepulturas não deixa de ser interessante: o tipo VLS I predomina junto à cabeceira da igreja; os tipos VLS II e III estão mais afastados; o tipo IV ocorre irregularmente por toda a área escavada (Est. IV).

Isto parece sugerir a existência de um núcleo inicial (VLS I), uma fase de alargamento (VLS II e III), atingindo um limiar de saturação, a que se segue uma reutilização de todo o espaço sepulcral (VLS IV).

Abona a favor da cronologia que propomos a necrópole de S. Tomé da Serra que apresentava túmulos dos mesmos tipos, um dos quais, rectangular, de lages, era coberto por uma tampa, com a data de 1037 (CÉSAR 1983).

As outras necrópoles escavadas no Norte de Portugal, a que nos referimos atrás, com sepulturas de lages mais evoluídas, poderão ser inseridas, talvez, nos séc. XII a XV.

No entanto, só através do desenvolvimento das pesquisas e da abertura de novas escavações, será possível confirmar ou desmentir a hipótese que acabamos de expôr.

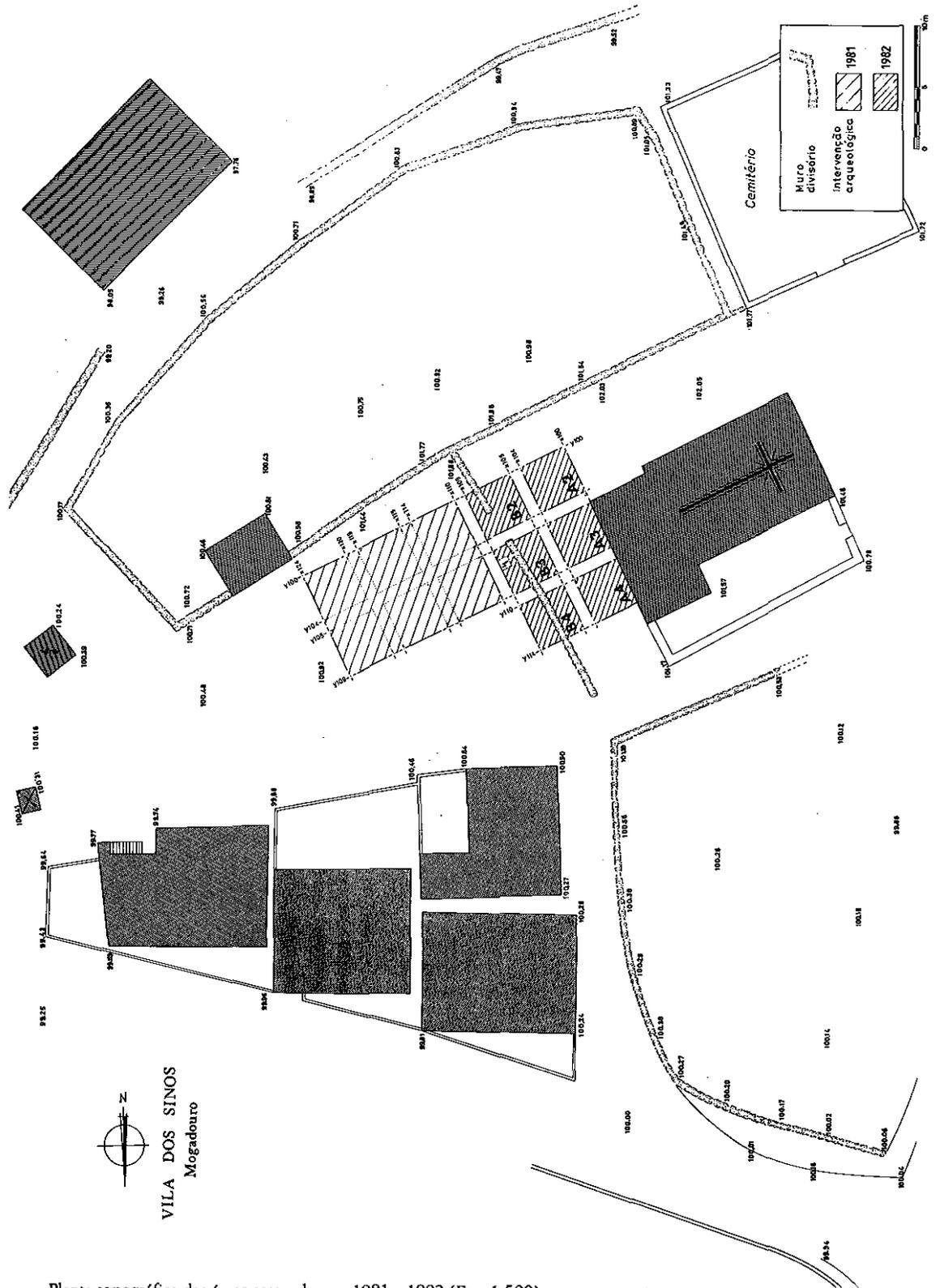
A terminar, pode concluir-se que as escavações de Vila dos Sinos documentam a necrópole paroquial de uma pequena comunidade, citada.

A necrópole principiou a ser usada talvez a partir do séc. IX, sendo de admitir uma evolução tipológica das sepulturas, desde cavidades abertas na rocha, de forma rectangular ou trapezoidal, até caixas tumulares formadas por lages assentes no substrato rochoso.

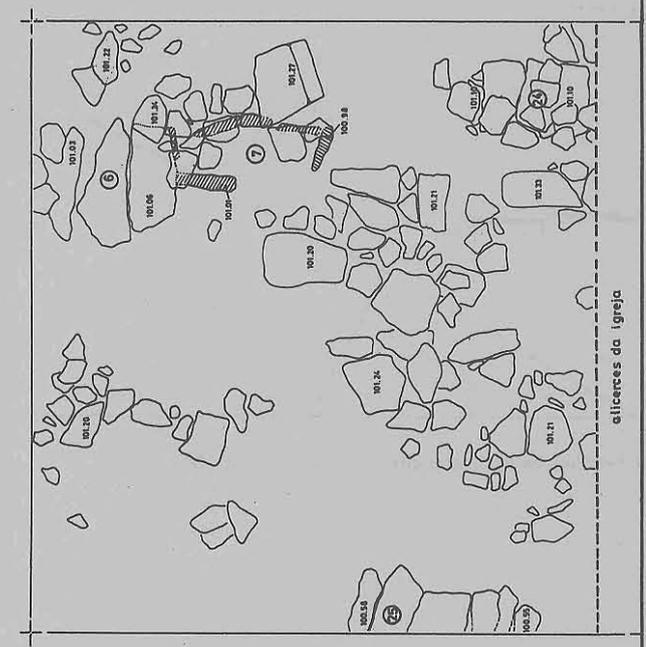
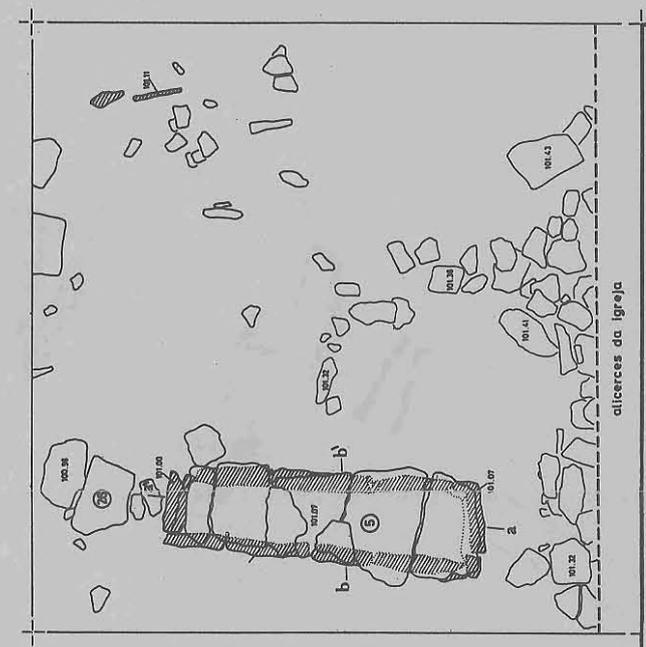
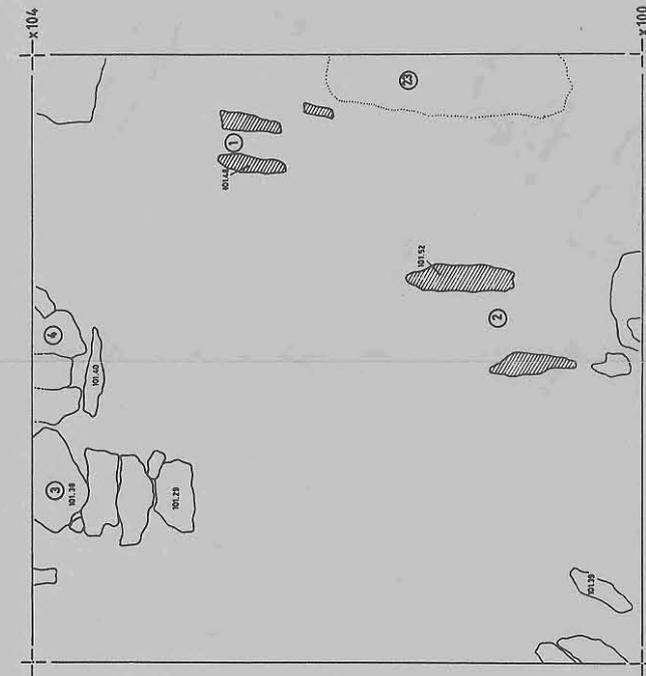
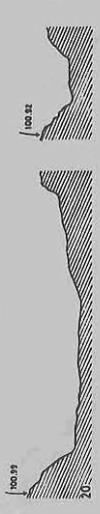
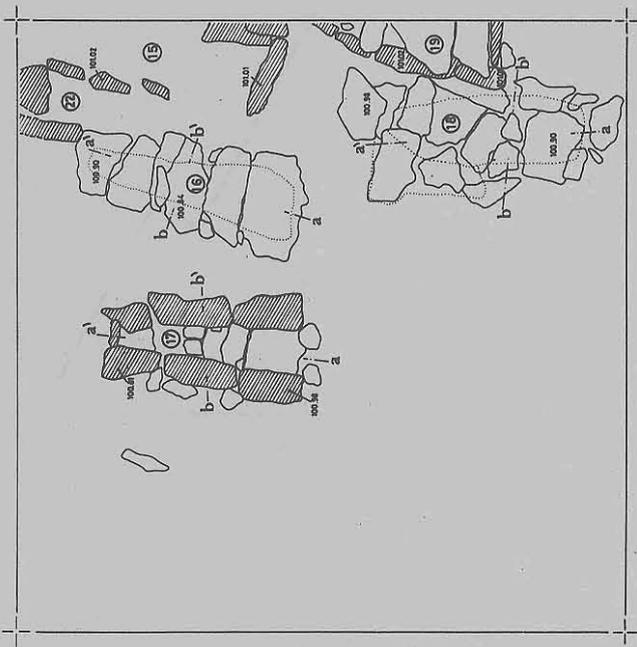
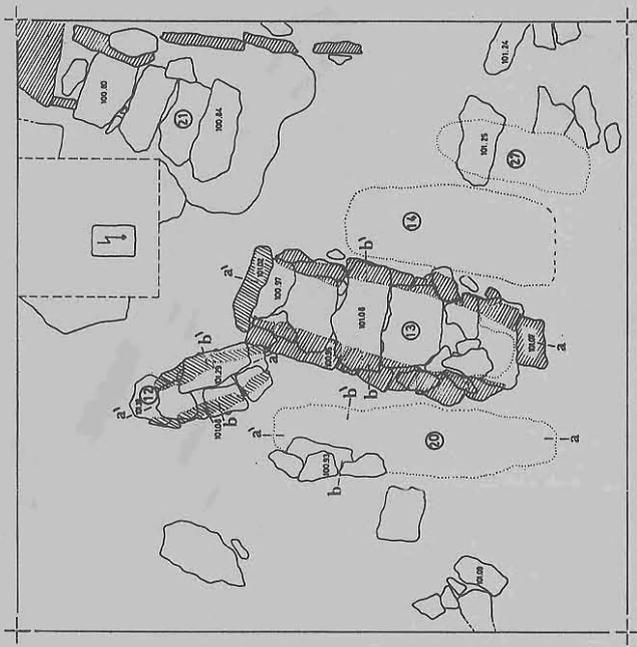
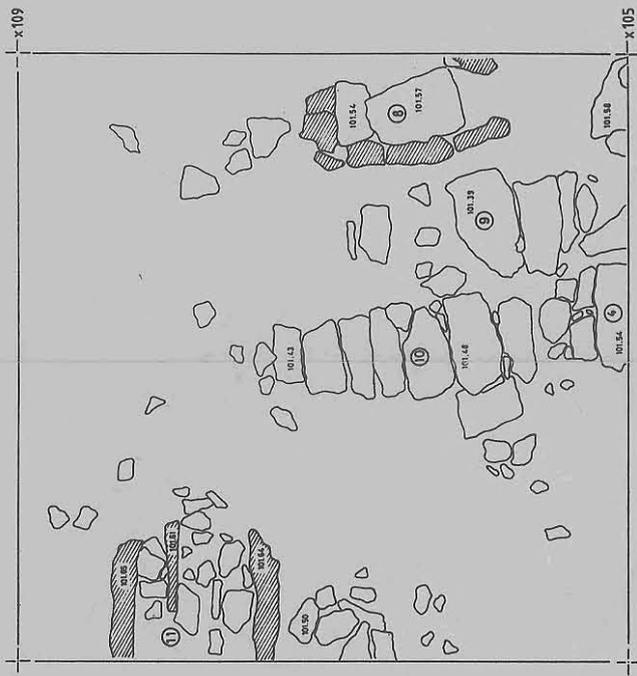
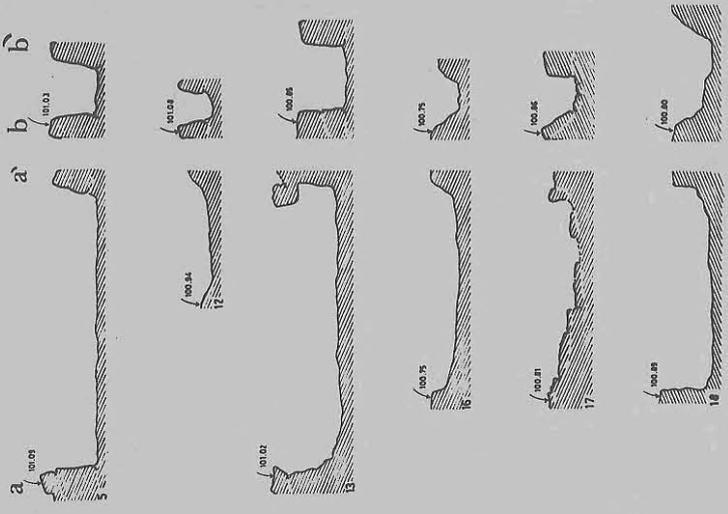
BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, C. A. Brochado de & BAPTISTA, A. J. (1980) — A necrópole de Navió, Ponte de Lima, *Almanaque de Ponte de Lima*, Ponte de Lima, pp. 65-71.
- CASTILLO, Alberto del (1972) — *Excavaciones Alto-medievales en las Provincias de Soria, Logrono e Burgos*, Comisaria General de Excavaciones Arqueológicas, Madrid.
- CÉSAR, Mário (1983) — A necrópole Medieval de S. Tomé da Serra, Mínia, Série II, 6, Braga, pp. 170-179.
- FERNANDEZ, Jorge Juan (1981) — *Excavaciones Medievales en Valeria*, Cuenca.
- GARCIA GUINEA, M. A. & GONZALEZ ECHEGARY, J. & MADARIAGA DELA CAMPA, B. (1963) — *El Castellar — Villajimena (Palencia)*, Servicio Nacional de Excavaciones Arqueológicas, Palencia.
- GASPAR, A. (1985) — Escavações na rua da N.ª Sr.ª do Leite. Braga, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 2, Braga.
- IZQUIERDO BERTIZ, J. M. (1975) — La necropolis medieval de las Vegas de Pedraza (Segovia), *Actas del Congreso Nacional de Arqueologia*, Vitoria, pp. 1241-1250.
- LEMOS, Francisco de Sande & MARCOS, Domingos (1984) — A necrópole medieval de Vila dos Sinos, Mogadouro, campanha de escavações de 1981, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 1, Braga, pp. 71-89.
- LEMOS, Francisco de Sande (1984) — A necrópole medieval de Arinho, Sabariz, Vila Verde, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 1, Braga, pp. 149-151.
- , (1986) — A necrópole medieval de S. Caetano — Chaves (no prelo).
- MOREIRA, J. A. Beleza (1985 a) — Necrópole de Santa Maria do Arrabalde — 1982/1983, Sintra, *Informação Arqueológica*, 5, Lisboa, p. 88.
- , (1985 b) — Necrópole de Santa Maria do Olival, 1982, Tomar, *Informação Arqueológica*, 5, Lisboa, p. 119.
- PALOL, Pedro de (1964) — *Excavaciones en la Necropolis de San Juan de Banos (Palencia)*, Madrid.
- PINTO, Sérgio S. & ATAÍDE, Alfredo (1957) — A necrópole de S. Vitor — Braga (séc. IX-X), *Bracara Augusta*, 8, Braga, pp. 106-111.
- RIBEIRO, J. H. (1984) — Castelo de Castelo Branco, *Informação Arqueológica*, 4, Lisboa, pp. 57-58.
- , (1985) — Castelo de Castelo Branco 1982, *Informação Arqueológica*, 5, Lisboa, p. 63.
- RIU, Manuel (1977) — Arqueologia Medieval en Espana, *Manual de Arqueologia Medieval*, Editorial Teide, Editorial Base, Barcelona.
- SILVA, Armando C. F. & CENTENO, R. M. S. (1980) — Escavações Arqueológicas na Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira), 1977-1978, *Portugália*, Nova Série, 1, Porto, pp. 57-78.
- SOARES, A. M. (1985 a) — Igreja de S. Jorge, Serpa, 1982, *Informação Arqueológica*, 5, Lisboa, pp. 46-47.
- , (1985 b) — Necrópole do Assento de Chico Roupa, 1983, Serpa, *Informação Arqueológica*, 5, Lisboa, pp. 47-48.
- TORRES, C. & VALENTE, J. P. (1984) — Rossio do Carmo, *Informação Arqueológica*, 4, Lisboa, p. 49.
- TORRES, C. (1984) — Alcáçova de Mértola, *Informação Arqueológica*, 4, Lisboa, p. 47.
- , (1985 a) — Alcáçova de Mértola, *Informação Arqueológica*, 5, Lisboa, p. 42.
- , (1985 b) — Basílica Paleo-cristã do Rossio do Carmo, 1982, *Informação Arqueológica*, 5, Lisboa, pp. 43-44.
- , (1985 c) — Basílica Paleo-cristã do Rossio do Carmo, 1983, *Informação Arqueológica*, 5, Lisboa, pp. 44-45.
- ZAMORA CANELLADA, A. (1979 a) — Excavaciones en el atrio de San Millan de Segovia, *Noticiário Arqueológico Hispánico*, 6, Madrid, pp. 583-606.
- , (1979 b) — Datos en torno de la necropolis medieval de San Juan de los Caballeros de Segovia, *Noticiário Arqueológico Hispánico*, 6, Madrid, pp. 583-606.

ESTAMPA II



Planta topográfica das áreas escavadas em 1981 e 1982 (Esc. 1:500).

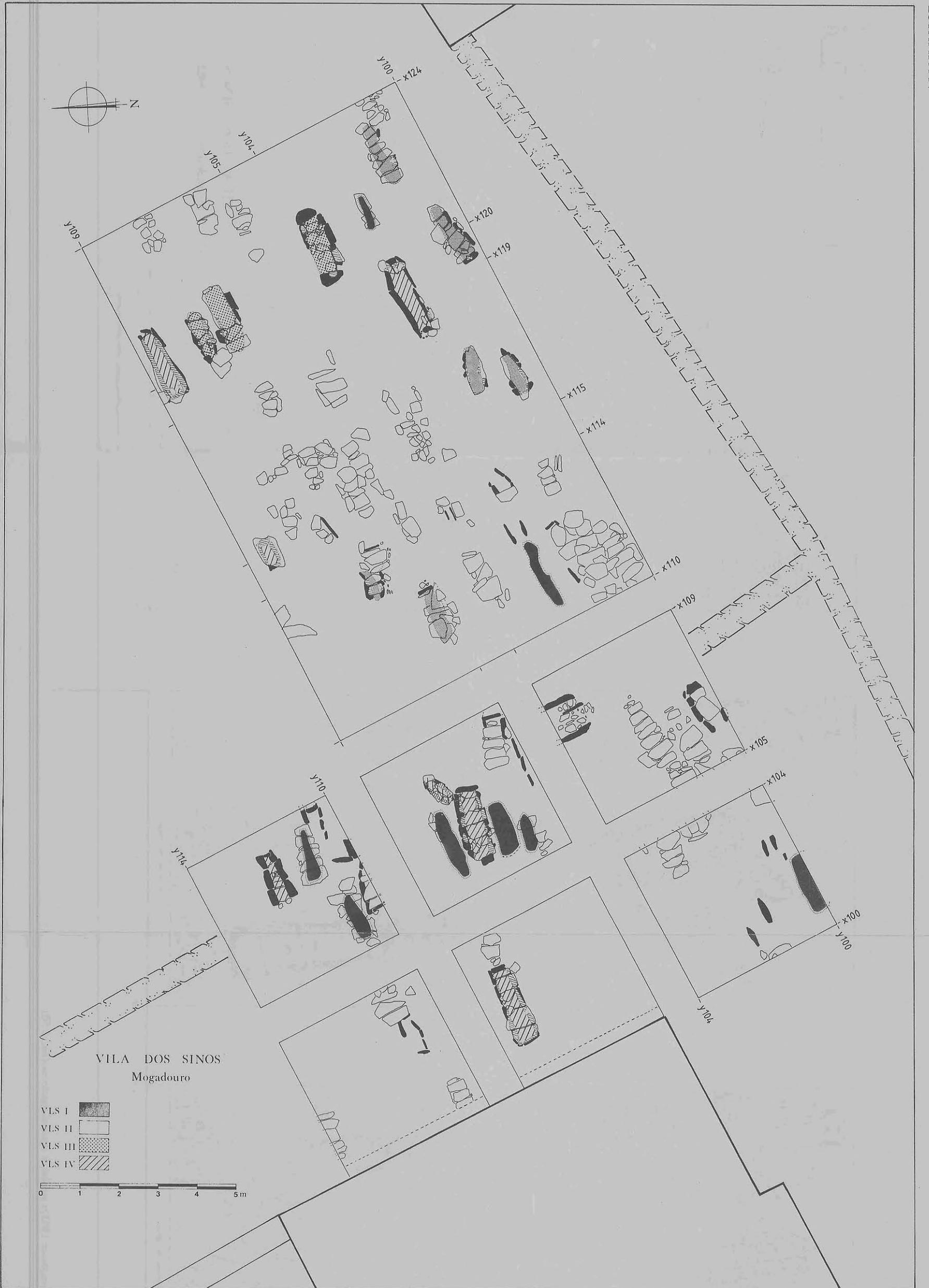


VILA DOS SINOS
Mogadouro 1982



y114 y110 y109 y104

Planta da necrópole (escavações de 1982) e secções de algumas sepulturas (Esc. 1:50).



Planta geral da necrópole com a distribuição tipológica das sepulturas (Esc. 1:100).



1 Zona A3. Perspectiva geral.

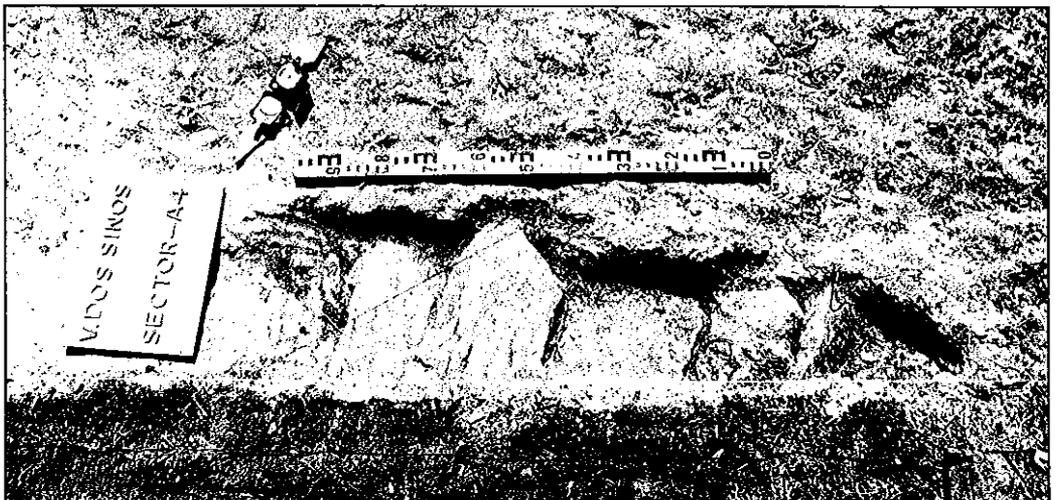


2 Sepultura 5.

ESTAMPA VI



1 Sepulturas 7 e 24.



2 Sepultura 25.

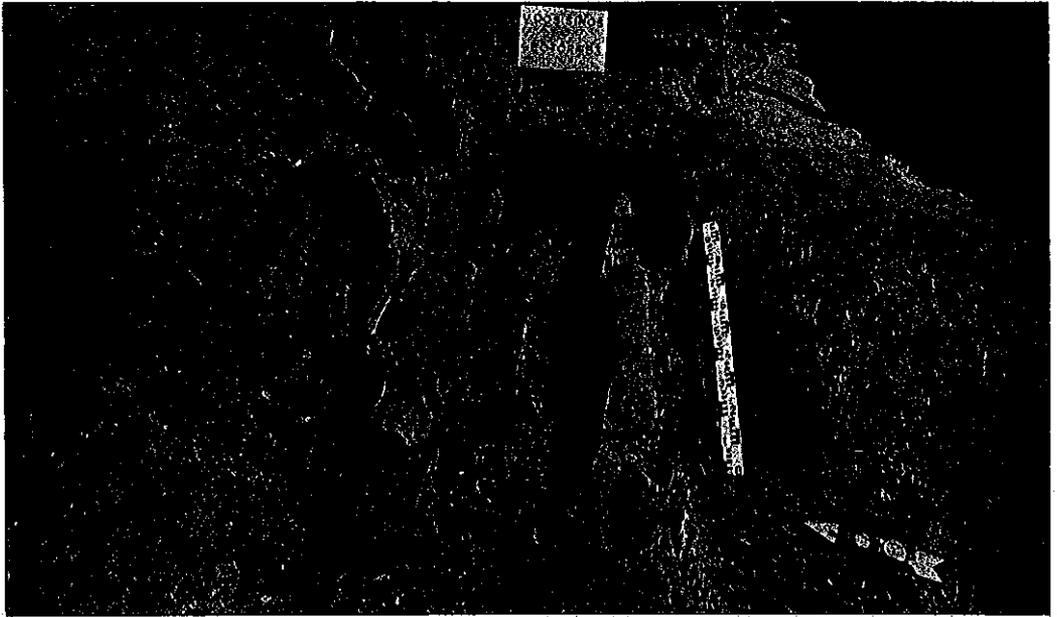


1 Perspectiva geral da zona B2.



2 Sepultura II.

ESTAMPA VIII



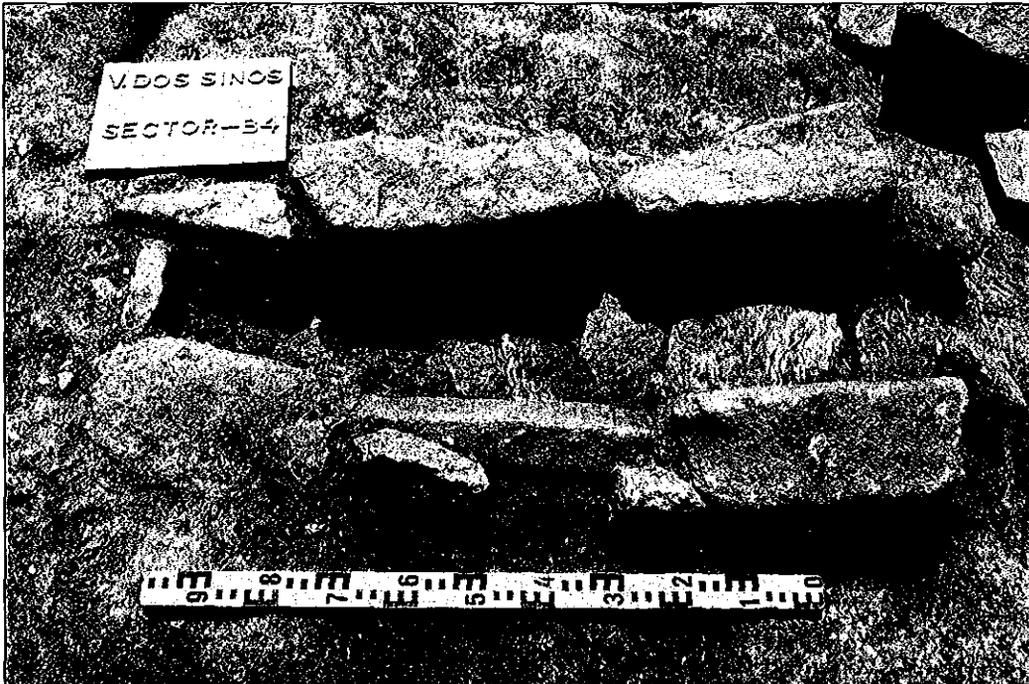
1 Sepulturas 12, 13 e 20.



2 Sepultura 13.

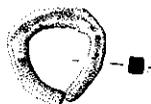


1 Perspectiva geral da zona B4.

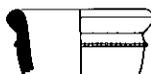


2 Sepultura 17.

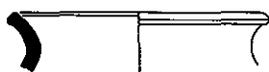
ESTAMPA X



1



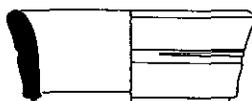
2



3



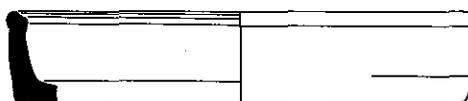
4



5



6



7

Espólio diverso: 1 (Esc. 2:3), 2 a 7 (Esc. 1:3).